



3 e 4 de dezembro

# III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,  
Gênero e Sexualidade

## ***GABRIELA, CRAVO E CANELA E O CORONELISMO EM ILHÉUS***

Wevinlly da Cruz Silva

### **INTRODUÇÃO**

O romance de Jorge Amado; *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), retrata uma Ilhéus marcada pela lógica da estrutura do sistema coronelista. Estrutura que molda as práticas sociais, políticas e simbólicas. Nesse cenário, as condutas sociais derivam de costumes culturais, integrando um sistema que legitima desigualdades e regula comportamentos masculinos e femininos. Compreender essas representações exige observar como o coronelismo organiza as relações sociais, define papéis e restringe a participação das mulheres na vida pública e privada. Este trabalho analisa a interação social fictícia apresentada no romance. O resumo explora a reprodução de comportamentos aceitos pelo grupo social de Ilhéus. Considerando as expectativas associadas ao gênero. O estudo discute como o sistema coronelista orienta os papéis atribuídos a homens e mulheres. Sistema que funciona como peça central para a manutenção da submissão feminina e para a construção das masculinidades no contexto da Primeira República. Para desenvolver essa reflexão, realizou-se uma análise qualitativa da obra, articulando revisão de literatura e leitura crítica de fragmentos do romance.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa segue abordagem qualitativa e fundamenta-se em revisão de literatur. Realizou-se leitura analítica de fragmentos do romance, articulada aos estudos selecionados.. O procedimento consistiu em comparar elementos ficcionais com categorias teóricas, a fim de observar como o romance representa práticas sociais ligadas ao poder patriarcal. O objetivo metodológico central foi estabelecer uma convergência entre literatura e contexto histórico.

Goldstein (2008, p. 11), afirma que para entender o lugar social de produção de Amado (2012) é preciso compreender a realidade sócio-histórica que envolve o fim do Império e o início da Primeira República. Para tal entendimento, a pesquisa recorre a Junior (2017). Segundo Junior (2017), a Proclamação da República ocorreu quando a Lei Áurea rompeu os laços entre a coroa e os latifundiários que então apoiaram a república dominada pelos coronéis. República caracterizada por troca de favores, manipulação eleitoral, intimidação e violência.

Em *Trajectoria de Jorge Amado* (Goldstein et al., 2008, p. 79-85), Goldstein(2008) informa que Amado nasceu em 1912, na Primeira República, e que sua infância e adolescência foram marcadas pela migração para a Bahia onde seu pai tornou-se fazendeiro de cacau. Em concordância com tal fato, o ciclo do cacau que marcou a Bahia nos anos 20, fez parte da juventude do autor, também aparece como base econômica de Ilhéus em *Gabriela, Cravo e Canela*. Já em *Infância grapiúna* (Goldstein et al., p. 79) a autora destaca que a região cacauera foi cenário recorrente nas obras de Amado (*Terras do sem-fim; Gabriela e Tocaia Grande*), revelando lutas, crueldade, exploração, heroísmo e drama ligados ao cacau. Esses contextos políticos, culturais e econômicos foram transpostos para suas narrativas. Ademais, em *Diálogos* (Goldstein et al., 2008, p. 10-25), Goldstein (2008) afirma que, a partir do final da década de 50, a literatura de Amado(2012) enfatiza: humor, sensualidade e lutas agrárias. Tais concepções também se manifestam na representação do corpo feminino e nas dinâmicas matrimoniais de subjugação.

Ademais, o ciclo do cacau surge como base material desse poder. Goldstein (2008) relaciona a experiência pessoal de Amado ao ambiente cacauero. A economia do cacau concentra renda e hierarquia. No romance, essa base econômica sustenta a autoridade dos coronéis. A riqueza legítima do clientelismo. O controle econômico garante também controle social. Por isso o coronelismo em Amado não é só dominação política. É uma organização social que regula comportamentos e papéis.

O contexto de produção de Amado (2012) entra em conformidade com suas vivências, verificado por meio do corpo social e suas redes de fofoca. Personagens como Dorotéia transmitem concepções baseadas na estrutura vigente de dominação(Amado, 2012, a tentação da janela, p. 83-134). A morte de Sinhazinha Guedes gera comentários entre os moradores, que dão razão ao fazendeiro e ao coronel Jesuíno, evidenciando a dinâmica social que privilegia o homem. O coronelismo em Ilhéus restringe as interações das mulheres e libera as masculinas. Jesuíno Mendonça representa o ideal de homem no coronelismo (Amado, 2012, p. 86-88). A

personagem Sinhazinha Guedes funciona por meio da expressão do seu desejo sexual desafiou a moral coronelista. Sinhazinha ao romper as barreiras institucionais perturba as normas. Sofrendo controle social e moral por meio de sua sentença: a morte. A tensão entre liberdade e correção moral torna visível o alcance do poder coronelista sobre os corpos.

Em episódios narrados, a reação social legitima atos violentos quando a "honra" masculina parece ameaçada (Amado, 2012, p. 70 - 90). A morte de Sinhazinha Guedes é exemplo dessa lógica. A comunidade dá razão ao fazendeiro e ao coronel. Esse julgamento coletivo expõe como o sistema favorece o homem e pune a mulher. Além de explicitar a subjugação da população à figura de poder. Visto que coronel controla a terra, contrata trabalhadores, tem riqueza, paga jagunços e tem relações com prostitutas, enquanto a mulher é vista como propriedade. A estrutura social vinculada ao ciclo do cacau, presente nos romances de Amado(2012), evidencia a divisão binária entre ricos e pobres e a exploração realizada pelos coronéis.

A partir de Lopes (2022) e Sumera (2022) percebe-se que o coronelismo modela os comportamentos sociais de homens e mulheres. Lopes (2022) aponta que a masculinidade da Primeira República é construída socialmente, pressupondo as características de agressividade, liberdade sexual e autoridade pública como comportamento validado pelos homens entre os mesmos. Em contrapartida, as mulheres são confinadas ao espaço doméstico. Sumera (2022) discute a íntima relação entre vida pública e vida privada em Ilhéus. No romance, essa relação resulta em hipocrisia normativa. Os homens exercem liberdade sexual sem sofrer sanções iguais às impostas às mulheres. As mulheres, por sua vez, respondem por honra e moralidade da família.

A obra ilustra esses padrões em personagens concretos. Ramiro Bastos e Jesuíno Mendonça representam a figura do coronel. Ramiro Bastos, exerce dominação sobre os demais personagens, seja pela força ou respeito. A visão de Ramiro sobre os papéis de gênero é clara: homens devem explorar sua sexualidade, enquanto mulheres devem se dedicar ao lar e aos filhos (Amado, 2012, p. 58- 64). Comportamentos que fogem à norma são repudiados, como exemplificado pelos personagens Machadinho e Miss Pirangi, que são ridicularizados no fragmento de texto abaixo por suas características consideradas femininas. O fragmento exemplifica outro aspecto da construção de gênero. No trecho citado, nota-se ridicularização de identidades desviantes. Amado (1958, p. 71) descreve-os como "invertidos oficiais da cidade" e relata injúrias e violência simbólica:

Nacib: Minha cozinheira foi embora. Nhô-Galo fez-se engraçado: - Por que você não contrata Machadinho ou Miss Pirangi? Tratava-se dos dois invertidos oficiais da

cidade. O mulato Machadinho sempre limpo e bem arrumado, lavadeira de profissão, em cujas mãos delicadas as famílias entregavam os ternos de linho, de brim branco HJ, as camisas finas, os colarinhos duros. E um negro medonho, servente na pensão Caetano, cujo vulto era visto à noite na praia, em busca viciosa. Os moleques atiravam-lhe pedras, gritavam-lhe o apelido: Miss Pirangi! Miss Pirangi! Nacib danava-se com o conselho motejador: - Vá à merda! (Amado, 1958, p. 71).

A citação evidencia práticas de estigmatização. A linguagem narrativa reproduz o desprezo coletivo. A hostilidade dirigida a comportamentos que fogem à norma mostra que o coronelismo regula não só papéis reprodutivos. Regula também a sexualidade e as expressões de gênero. Assim, homens que não correspondem ao padrão de masculinidade sofrerem exclusão social.

Belline (2008) contribui ao enfatizar a construção do feminino nas obras de Amado no que tange ao simbólico. visto que ao reduzir a mulher a corpo ou símbolo de honra, o sistema restringe sua atuação política. A mulher não participa plenamente da cena pública porque seu valor social está mediado por padrões morais impostos pelo sistema. Sumera (2022) articula ainda a noção de que o coronelismo justifica até o assassinato. A legitimação de crimes em nome da ordem revela uma esfera de poder que escapa às normas legais formais. No romance, o pacto ficcional entre autor e leitor torna aceitável a existência de violência quando esta reforça a ordem social vigente. Essa aceitação ficcional espelha práticas reais de impunidade e dominação.

A análise comparativa entre fragmentos do romance e categorias teóricas revela mecanismos recorrentes. Primeiro, a economia do cacau produz condições materiais para o clientelismo e a dominação. Segundo, o coronelismo articula moral e política. Terceiro, a construção das masculinidades se apoia em prerrogativas públicas e permissões sexuais. Quarto, as feminilidades são normatizadas e penalizadas quando transgridem. Essas constatações sintetizam convergência entre as fontes teóricas e o material ficcional. O coronelismo em Amado mostra que a gestão da honra e da moral funciona como técnica de controle político. Ao restringir a presença feminina na vida pública, o sistema perpetua a desigualdade política. A literatura, assim, atua como ferramenta de diagnóstico. Ela revela os mecanismos pelos quais o poder local incorpora normas de gênero para manter sua hegemonia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa mostrou que o coronelismo foi mais que um sistema político. Ele organizou a vida pública e privada e moldou papéis de gênero. Em *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado (2012) representou essas dinâmicas por meio da ficção. A análise confirmou os

objetivos do resumo ao revelar como a narrativa reflete práticas sociais da época. O trabalho contribuiu para a compreensão das relações de poder. Além de abrir espaço para novas investigações sobre gênero e política a partir da literatura.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 2. ed. atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer; BELLINE, Ana Helena Cizotto; JÚNIOR, Arnaldo Franco *et al.* **Caderno de leituras**: A literatura de Jorge Amado Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

JUNIOR, Pedro Luis Zonta. O conceito de coronelismo na fundação de uma cultura política da Primeira República. **Dissertação** (mestrado em história). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: Franca, 2017.

LOPES, Gabriel. Masculinidade e Primeira República. **Revista Entre Linhas**, V. 1 N. 1, 2022.

SUMERA, Regino Henrique. A decadência do coronelismo em Ilhéus: Uma análise política, social e de gênero em Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado. **Revista Ensaios de história**. V. 23, N. 1, 2022.